

O Jardim de Deus

Maria Luísa Malato Borralho

Faculdade de Letras
Universidade do Porto



No princípio, era um livro. Porque de poucos momentos me lembro anteriores àquele em que meu pai, envolvendo-me com os braços, me colocou um livro nas mãos. O meu pai tinha já cabelos brancos. Devia ter pressa em me ver crescer, o meu pai, porque eu era ainda muito pequena quando julguei que lhe ouvia:

- Vou mostrar-te o Livro do Jardim de Deus...

Eu nele entrei, sem outra opção que não fosse a do seu amor. Era um livro pequeno e verde, diferente dos outros que havia lá em casa, altos e solenes, em que não podia tocar sem licença. Esses estavam por detrás das portas de vidro, fechados à chave, entre as colunas de espirais da biblioteca em pau-santo. Algumas das colunas, sabia-as então de cor, estavam um pouco soltas e, contrariando as instruções, gostava de as rodar para fazer surgir as espirais no capitel, e depois as ir perseguindo com o olhar, até as apanhar com a mão ou deixar escapar pela base. O escritório não era sítio para os meninos ficarem. Admitia-se, contudo, a passagem. Lá se guardava o licor de anis, tão forte que se bebia em copos que pareciam dedais. Era feito na farmácia com estrelas, e oferecido às visitas importantes, também essas logo guardadas no *cratório*, à chegada.

Não, o meu livro não vinha dali, do armário negro. Lá não havia livros assim. Mas *viu Deus que a luz era boa; e dividiu a luz das trevas*. O meu livro era pequeno e verde. Como os jardins. E a prateleira do livro eram os braços do meu pai, ao colo de quem me sentava.

Os dias sucediam-se na criação do Paraíso. No primeiro dia, aprendia-se o **1**, e o **A**. O **à** era uma àguia estranhamente desinteressada de um menino que brincava com o arco. Os óculos eram dois **oo**. **I**: três crianças apontavam uma igreja enfeitada com balões de papel. **u**, um menino oferecia **uvas** da latada a um **urso** polar. No **e**, uma **égua** pastava sobre uma **hera**, indiferente à ausência de sombra do **h**.

Segunda página da lição, quantos dias depois?, segundo dia da criação. Aprendia-se a expressão da dor, com os ditongos, duas letras. Dois dedos, dois paus, dois pontos, o número **2**, reforçava o rodapé. Uma letra juntava-se a outra, mas o resultado era um som diferente das duas, ainda em tudo semelhantes. Era preciso ler depressa para fazer esse efeito. Sem isso, nada feito. *A...i ai* e o cão mordida o pé de um menino. *U...i ui* e a cadeira caia-lhe em cima do pé. *A...u au* o cão saía da casota, justificando o susto das crianças que corriam alarmadas pelo jardim. **Ai**, **ui**, **au**. Mas era uma dor falsa, a fingir que era dor, a dor que deveras se sente. Só se diria *ui* a fazer de conta. E os cães conhecidos faziam *ãõ* (fariam *ãõ* até eu conhecer *auf*). Espreitava na susência do meu pai as outras páginas. No **n**, a *neve* que eu queria ver. A *nau* (**n** e **au**). Coisas fáceis que faziam sentido: um *nené* e uns braços de mãe que se estendiam. Outras

nem tanto: *uni, ná, uni ná, uni, ná*. O que não se percebe canta-se. No **t**, um menino perseguia outro com uma monstruosa tesoura, igual à do jardineiro que cortava as sebes do jardim da vila onde eu morava. *É proibido brincar na relva*, ameaçava ele repetidamente, porque lá fora, nesse tempo, não havia letreiros mas somente pessoas que constantemente falavam. Recapitulação: *Ai, ai, au, au, eu, eu, oi, oi, eu, eu*. Eu. O que fazia agora o **eu** nos exercícios da base?

Eu, perdida na criação de juntar as letras e ver surgir diante de mim as palavras, e o eco das palavras em mim. O mundo que nele ia existindo porque tomava forma para além das coisas. A palavra no livro era o retrato do som.

Tendo pois o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do céu, Ele os trouxe a Adão, para este ver como os havia de chamar. Porque todo o nome que Adão pôs de alma vivente, esse é o seu nome. E chamou Adão pelos seus próprios nomes a todos os animais, a todas as aves do céu, e a todas as bestas da terra. Essa alegria de nomear o mundo conhecia eu. Só se tem essa alegria quando não conhecemos o mundo. Neve, naus, rocas, ilhas, exames, baleias, renas, jacarés, macacos, harpas, um mundo de palavras. Por entre eles andavam meninos com fatos de marinheiros, meninas de caracóis, laços e saias de balão. *O papá do nini é rico*. Ao lado uma menina tinha um carrinho de bonecas puxado por um carneirinho. As frases eram cada vez mais compridas e escuras. *Porque o Celestino fez bonito exame, a mãe ofereceu-lhe um carneirinho que ele ensinou a puxar um carrito que o pai lhe trouxe há pouco de Paris*. O fôlego que era preciso para chegar a Paris. Existia tal mundo? Ou tinha já acabado como os meninos com fatos de marujo e as meninas de caracóis em canudo? Os caracóis das meninas eram espirais que se torciam e nasciam no laço do capitel para desaparecerem misteriosamente na base. Espreito as últimas páginas, onde estaria tudo o que eu poderia saber e não saberei nunca. Onde irão as espirais parar? Nas últimas páginas, as letras eram acrobatas que se contorciam para caber nas letras. O **T** maiúsculo um atleta que levantava um haltere. O **S** uma serpente. O **J** escondia na barriga um gato sentado de cauda arqueada. **Rr (forte): Carro ferro terra guerra zorra morrer burro garrafa guitarra erro a carroça vai carregada, e o cavalo que a puxa é fraco. Rr forte, r fraco, 2 forte, 1 fraco.**

— Mamã, faz-me caracóis como os do livro...

E a mamã fazia. E, depois, ao ver que os canudos de caracóis existiam, eu pensava que talvez existissem póneis e neve e cavalos de pau e carrinhos de bonecas puxados por carneirinhos. Tudo o que eu nunca vira e tudo o que eu sabia já. Os mesmos carneirinhos que puxavam o carrinho das bonecas magoavam os meninos com marradas. A importância do *ui* que eu perigosamente confundia com o *ni* do *nini*. Reparei que a Vitália

se inclinava no carro ao colocar a boneca. *Então é que é vê-los alegres, rindo, pulando e batendo palmas*, diziam as letras. Carneiro, r fraco. Carro, rr forte, dizia a lição. Como pode o carneiro fraco puxar o carro forte? E o texto dava a resposta:

O que é certo é que o carneiro, apesar de novinho, já arrasta os seus seis quilos de carga.

O livro tinha todas as respostas para todas as imagens. Imaginava um pé da Vitália no carrinho da boneca e perturbava-me o prazer de a imaginar transportada pelos carneiros, de r fraco à custa da boneca que tinha colocado no carrinho. Mas as palavras nada diziam sobre a Vitália continuamente inclinada sobre a boneca. Naquela época ambas estávamos nuas, a Vitália e eu, e de nada nos envergonhávamos.

O conhecimento chegou só depois, com o espanto de haver um mundo legível, fora dos livros. *Porque vos mandou Deus que não comêsseis de toda a árvore do paraíso?* Lembro-me bem de quando o espanto surgiu. Já sabia ler há algum tempo no livro verde, e também os títulos e frases soltas nos suplementos infantis do jornal. Devia ser um sábado, porque me lembro da minha mãe com uma mão disponível para mim e outra para o saco das compras. Entrámos no talho municipal. Ao longo da parede, espreitavam os olhos das carcaças de carne vermelha e eu seguia a espiral que ia do gancho às voltas das facas insistentemente afiadas. Olhei pela primeira vez para o que estava em cima da porta do átrio e li sem querer: Talho Municipal.

Lá estavam as letras. Mas agora as palavras estavam no mundo cá fora, palavras escritas nas pedras que nunca tinham penetrado no jardim de papel. Desta vez surgiam vivas. Havia letras fora dos livros. Letras fora dos livros. *E então se abriam os olhos*. E confundiu-se o possível com o impossível, as coisas com o retrato do som das coisas, a tesoura do jardineiro com a tesoura do livro. O peso do pé da Valéria com o do meu.

Puxei alarmada a mão da minha mãe:

- Mamã, olha, ali escrito. Ta-lho-mu-ni-ci-pal.

Mas ela não percebeu. Porque pensava que eu estava somente a ler as letras dos livros de papel. Se me lançou os olhos espantados, foi para me atirar a mais obscura das palavras: – Claro.

Talvez fosse esse o momento distinto em que Eva estendeu a maçã a Adão. O momento único em que os dois foram inteiramente diferentes, Eva por já a ter trincado, Adão por ter ainda na boca o sabor da inocência que ia perder. *No mesmo ponto*

se lhes abriram os olhos, tendo conhecido que estavam nus. Como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus que passeava pelo paraíso, depois do meio-dia, quando se levantava a viração. Envergonhei-me de tudo o que não sabia. E quando cheguei a casa, escondi-me no vão escuro das pernas da secretária, no escritório de pau-santo.

É de lá que nasço todos os dias.

O livro, descobri-o muito mais tarde, não se chamava *Jardim de Deus*. Nem era sequer a *Cartilha* de João de Deus, como me tinham dito. Mas a *Cartilha Escolar* de Domingos Cerqueira, um seu discípulo, editado no Porto, pela Livraria Chardron, Lello & Irmão, sempre sem data.